

Masculinidades e feminilidades nas imagens do livro didático de Ciências da Natureza da Educação de Jovens e Adultos

RESUMO

Youry Souza Marques
E-mail: yurysmsm@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil

Cleverson de Oliveira Domingos
E-mail: cleveronlinead@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil

Edimauro Matheus Carriel Ramos
E-mail: edimauroamos@hotmail.com
Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil

Neste trabalho, analisamos como o livro didático de Ciências da Natureza da Educação de Jovens e Adultos (EJA), edição de 2014, enquanto um artefato cultural funciona como um currículo e uma pedagogia cultural, produzindo representações de gênero que vão constituindo as identidades culturais de estudantes, especialmente, suas masculinidades e feminilidades, por meio das imagens que representam as profissões/atividades laborais ditas de homens e mulheres. Para a análise, utilizamos aporte do campo teórico-metodológico dos Estudos Culturais, em suas vertentes pós-estruturalistas. A análise das imagens acerca das profissões/atividades laborais de homens e mulheres revelou uma manutenção da lógica sexista e binária, que em termos de representação e como foco o mundo do trabalho é inflexível e restritivo, mesmo para os homens e as mulheres. Assim, as representações de trabalho analisadas cumprem a missão de encarregar as mulheres jovens e adultas da EJA para serem trabalhadoras domésticas ou assumirem profissões ligadas ao cuidado. Por sua vez, educam os homens para serem fortes, viris e dominarem o espaço público, seja no campo ou na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: EJA. Gênero. Imagens. Pedagogia cultural. Trabalho.

INTRODUÇÃO

A escola é uma das instituições fundamentais na produção das identidades de gênero e sexuais de estudantes, desenvolvendo diversas pedagogias de produção das masculinidades e das feminilidades. As pedagogias das masculinidades e das feminilidades podem ser entendidas enquanto pedagogias culturais que derivam de artefatos culturais que ensinam sobre as formas de ser homem e ser mulher na sociedade. São artefatos culturais: os livros, as novelas, as séries, os filmes, os desenhos, as pinturas, as charges, as publicidades, entre tantos outros. As “produções culturais permeadas de valores, representações, saberes e significados de um dado tempo e de uma determinada sociedade [...] que nos ensinam modos de ser e estar no mundo, construindo e reproduzindo significados” são consideradas artefatos culturais, como propõe Magalhães (2012, p. 36-37).

No processo de escolarização, vários artefatos culturais são utilizados pela escola enquanto objetos de aprendizagem, com o objetivo de interferir diretamente na aprendizagem dos estudantes. Dentre eles, está o livro didático (LD), que auxilia tanto no processo de construção dos conhecimentos de alunos e alunas quanto na prática docente em sala de aula. Diante do papel central, no qual muitas vezes o LD é colocado no contexto escolar, é necessário pensar na função social e educativa da escola na apresentação de conteúdo que não seja equivocado e discriminatório, pois, conforme Lajolo (1996), os livros também ensinam a construir valores, crenças e atitudes. Sendo assim, não podemos limitar o LD a um mero transmissor de informações/conteúdos escolares e tampouco a um mero transmissor de abordagens pedagógicas. Ele produz os indivíduos, suas identidades, crenças e valores.

Nesse contexto, não se pode perder de vista a Educação de Jovens e Adultos (EJA) existente no cenário educacional brasileiro, e tão logo compreender essa modalidade pelo ângulo do discurso democrático como espaço político, para que assim, possamos refletir o tempo presente. Na perspectiva das concepções de EJA, as formas de organizações ainda atreladas a esse público se sustentam numa ideia de aligeiramento e de correção da distorção idade/série (PARANHOS, 2017), ou até mesmo por um viés de criticidade, ora como medidas para cumprir estatística mundial com intenções políticas de financiamento, ora para um ensino profissionalizante, cujo desenvolvimento ocorre paralelamente ao sistema educacional.

Dando prosseguimento, diversas produções acadêmicas têm analisado como as masculinidades e/ou as feminilidades são representadas nos livros didáticos (LDs) do ensino de Ciências da Natureza (BAPTISTA, 2020; MARQUES, 2021) e das Ciências Humanas e Sociais (LOHN; MACHADO, 2004; WASCHINEWSKI; RABELO, 2015), seja de modo direto ou indiretamente. Esses trabalhos alertam que os LDs re/produzem representações hegemônicas sobre as masculinidades e as feminilidades, contribuindo para retificar o padrão sexista, machista e cisheteronormativo que estabelece posições sociais diferenciadas para homens e mulheres na sociedade. Ao mesmo tempo, esses olhares problematizam sobre as possíveis evidências de que os LDs mudaram de perspectiva, trazendo outras representações de gênero presentes na sociedade.

Desse modo, é crescente o número de trabalhos que analisam os LDs a partir de uma perspectiva de gênero, trazendo para reflexão diferentes aspectos, tais como: a invisibilidade das mulheres (entre elas, as mulheres negras) (WASCHINEWSKI; RABELO, 2015); a essencialização de determinadas características masculinas e femininas, ao invés de considerá-las como construções culturais e relacionais (LOHN; MACHADO, 2004); ao silêncio e a omissão com relação à diversidade sexual e de gênero (LIONÇO; DINIZ, 2009); a naturalização da heterossexualidade (LIONÇO; DINIZ, 2009); a presença de discriminações contra as mulheres e com relação a orientação sexual e/ou afetiva não-heterossexual (LIONÇO; DINIZ, 2009), entre outras questões.

Dentro desta perspectiva exposta, analisamos¹ o LD como um artefato cultural que, por meio de seus múltiplos discursos, signos, imagens e representações, contribui para a fabricação das subjetividades e identidades de gênero dos estudantes. Assim, o LD funciona enquanto uma pedagogia e um currículo cultural, que é legitimado por um discurso científico. Sabat (2001) entende a pedagogia e o currículo cultural como espaços de produção de valores e saberes, que regulam as condutas e modos de ser, fabricando identidades e representações e constituindo relações de poder. Essa pedagogia e currículo culturais operam “através de uma lista de procedimentos e técnicas voltados para produzir e reproduzir tipos específicos de comportamentos, valores, hábitos, atitudes pessoais” (SABAT, 2001, p. 20) com *locus* em uma sociedade em suas particularidades.

Além do texto propriamente dito, as imagens do LD necessitam ser postas em discussão, pois também são permeadas de símbolos, signos, significados e representações da cultura. Para Waschinewski e Rabelo (2015, p. 3), “as imagens não são neutras, são produzidas por indivíduos que carregam consigo seus pensamentos e ideologias, ou seja, são permeadas e concebidas a partir de algumas intencionalidades”. A respeito disso, as imagens contidas no LD desempenham funções que vão além da ilustração. Elas educam, constroem e desconstroem representações, regulam comportamentos e produzem identidades masculinas e femininas.

Com a pretensão de promover um ato reflexivo acerca das pedagogias de produção dessas identidades, especificamente, as pedagogias culturais das masculinidades e das feminilidades, este trabalho tem como objetivo analisar as imagens do LD de Ciências da Natureza da Educação de Jovens e Adultos e como elas (re)produzem significados de masculinidade e feminilidade para as profissões/atividades laborais. Como elas estão presentes nas imagens do LD do ensino de Ciências da Natureza da EJA? Qual é a diversidade de gênero das imagens desse artefato cultural destinado a jovens e adultos/as? A partir dessas problematizações, buscamos refletir sobre como essas imagens estão construindo feminilidades e masculinidades, bem como notar a (re)produção das identidades culturais de gênero de estudantes da EJA.

Destacamos e escolhemos o LD da EJA de Ciências da Natureza distribuído em 2014 e o investigamos como fonte de pesquisa, por ser o único LD para o ensino médio, nessa modalidade, produzido e distribuído para as escolas públicas brasileiras, visto que novos livros para esta modalidade não foram mais produzidos nos anos seguintes.

Este trabalho está dividido em três partes. A primeira parte faz uma reflexão teórica sobre o conceito de gênero, discutindo as masculinidades e as feminilidades enquanto produções sociais, culturais e históricas, que são múltiplas e não universais. Assim, dialogamos com Beauvoir (1970), Badinter (1993), Louro (1997), Scott (1995), Pires (2009), Connell e Messerschmidt (2013), e De Los Santos Rodrigues (2020). Também é discutido a respeito do papel do LD na construção das relações e representações de gênero. Trazemos nesta parte o conceito de representação e de currículo a partir de Silva (2006; 2007), bem como o conceito de identidade a partir de Hall (2006), além das noções metodológicas empregadas. A segunda parte faz uma análise descritiva e analítica das imagens do objeto de pesquisa investigado. Por fim, fazemos as considerações, ressaltando a importância deste debate para o campo da educação.

LIVROS DIDÁTICOS, GÊNERO, MASCULINIDADES E FEMINILIDADES NAS IMAGENS E A QUESTÃO DA REPRESENTAÇÃO

Na teia do poder instaurada para falar sobre os sexos, gêneros, corpos e sexualidades, aparecem inúmeros discursos das mais diversas instâncias (a maioria deles distantes do contexto educacional) para regular o que pode ser dito ou não no ambiente escolar e, por conseguinte, o que o livro didático (LD) deve veicular. É nesse meio que a escola, enquanto instituição, é atravessada para dizer sobre tais assuntos com a autoridade que supostamente é de direito, porém, nos últimos tempos vem sendo taxada como “prescritiva de gênero”, apoiadora de práticas sexuais em dissonância de idade/ano escolar, “destruidora da família” (leia-se aqui família nuclear ou como se tem reproduzido muito no atual contexto “família tradicional brasileira”), entre outras falácias em um disfarce conservador, tempos em que rasgar ou pintar páginas indesejadas de livros tornam-se comuns.

O LD é um artefato da cultura composto de múltiplas representações. Nele estão presentes os textos e as imagens, sendo que essas podem ser pinturas, desenhos, fotografias, mapas, ilustrações, outros objetos de artes (como quadros, esculturas). Muitas imagens, sejam fixas ou em movimento, costumemente são compreendidas como representação verdadeira da realidade. Isso se potencializa nas imagens do LD pela aceitação e veiculação no ambiente escolar que é mediado por professores/as, angariando camadas de “verdade”.

É nesse espaço escolar, então, que visões recrudescentes da cisheteronormatividade, machismo e sexismo também se manifestam, com a amplitude dos padrões sociais, marcadores de gênero e preconceito em contramão a um ambiente plural, diverso e democrático. Segundo Pinho e Souza (2014, p. 191-192), pode ser percebido que os espaços da universidade e o próprio ambiente escolar “abrigam uma disputa de valores, ora velados ora explícitos, que se materializam nos livros didáticos, nas estratégias de ensino, nos conhecimentos prévios trazidos pelos(as) alunos(as) e professores(as)”. Esta convicção aproxima-se fortemente do que, para Junqueira (2014, p. 191-192), pode ser percebida no interior da escola como heterossexualidade compulsória, “[...] fundamentada na ideologia do ‘dimorfismo sexual’, agem como estruturadoras de relações sociais e produtoras de subjetividades”.

Cabe salientar que concordamos com a célebre frase de Beauvoir (1970, p. 9) de que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Da mesma forma, De Los Santos

Rodriguez (2020) afirma que homens não nascem homens, tornam-se homens. Não é a biologia que determina o que é uma mulher e um homem ou o que se entende como masculino e feminino. O masculino e o feminino são construções históricas que se dão no âmbito da cultura e das relações sociais, sendo o processo educacional um elemento de suma importância na construção do que chamamos de gênero.

[...] o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1995, p. 75).

A perspectiva tradicional refere-se à masculinidade e à feminilidade como instituições “naturais”, caracterizando todo aquele/a que não reproduz essas lógicas de gênero como anormal, transgressor. Desta maneira, segundo a ideologia patriarcal, a feminilidade deve se alinhar aos pressupostos da suposta inferioridade das mulheres em relação aos homens em vários aspectos da subjetividade humana: direitos políticos, divisão sexual do trabalho e suas atividades na esfera pública (CASTRO, 2018). Para Badinter (1993), o processo de construção da masculinidade é fabricado, pois dialoga com a estrutura patriarcal e com as linhas de poder que instituem o masculino como ativo e o feminino como passivo. Assim, conforme Pires (2009, p. 168),

[...] o masculino e o feminino são representados na maior parte das imagens de uma única forma, mostrando, de maneira geral, o homem como energético, forte, racional, ousado, atrevido e a mulher como passiva, frágil, sentimental, doméstica e comportada.

Louro (1997) destaca que os ideais de masculinidade e feminilidade operam sob uma ideia dicotômica e singular, na qual um se contrapõe ao outro com a finalidade de ignorar e/ou negar sujeitos que se distanciam dessa norma. Nessa mesma linha de pensamento, Connell e Messerschmidt (2013) e De Los Santos Rodriguez (2020) propõem compreender as masculinidades de forma múltipla e inseridas em relações de poder que se expressam diferentemente em termos de classe, raça, sexualidade, geração, entre outros marcadores sociais. Assim, devemos compreender as masculinidades não apenas em termos de expectativas do que se espera de homens, mas em termos de práticas, ou seja, do que efetivamente os homens fazem no âmbito das relações de gênero (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

É possível afirmar a prevalência nas relações sociais de múltiplas masculinidades hegemônicas (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013), que se impõem como hierarquicamente “superiores” e “diferentes” das identidades femininas e das outras masculinidades tidas como “subordinadas” e “menos masculinas”, incluindo, as transmasculinidades que – dentro desta perspectiva hegemônica – nem são consideradas “homens de verdade” (DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, 2020).

A cultura costuma representar as identidades femininas e masculinas como se fossem unificadas e homogêneas, ou seja, como se todos os homens e todas as mulheres fossem iguais, desconsiderando a diversidade existente. Unificar essas

identidades e associá-las a um domínio biológico é uma das formas de reproduzir o sistema de dominação de gênero e da sexualidade, justificando múltiplas hierarquias, desigualdades e violências.

Neste trabalho, compreendemos o conceito de representação do ponto de vista dos Estudos Culturais, em suas vertentes pós-estruturalistas. De acordo com Silva (2007, p. 103), “a representação é sempre inscrição, é sempre uma construção linguística e discursiva, dependente de relações de poder”. Associando a noção de representação à questão da identidade, impõe-se como preocupação política se perguntar sobre “as formas pelas quais a identidade é construída através da representação” (SILVA, 2007, p. 104).

Conforme Silva (2007, p. 127), “a representação é compreendida como aquelas formas de inscrição através das quais o Outro é representado”. Ao invés da imagem mental da representação, como é adotado em abordagens psicológicas, nesta perspectiva importa examinar a representação como discurso, linguagem e significante. Ela é “um processo central na formação e produção da identidade cultural e social (SILVA, 2007, p. 127).

O LD é um material que representa e corporifica o currículo escolar. Já o currículo, tal como a cultura, é, segundo Silva (2006), compreendido em cinco dimensões: como uma prática de significação, uma prática produtiva, uma relação social, uma relação de poder e uma prática que produz identidades sociais. Ainda segundo Silva (2007, p. 135), na perspectiva dos Estudos Culturais, “o currículo é um artefato cultural em pelo menos dois sentidos: 1) a ‘instituição’ do currículo é uma invenção como qualquer outra; 2) o ‘conteúdo’ do currículo é uma construção social”.

Assim, pautamos nossa análise nas imagens do LD de Ciências da Natureza da Educação de Jovens e Adultos a partir da proposta de estranhar o currículo, como propõe Louro (2008). Para a autora, o estranhar

seria um movimento de desconfiar do currículo (tal como ele se apresenta), tratá-lo de modo não usual; seria um movimento para desconcertar ou transtornar o currículo. [...] é este o espírito de queering o currículo: passar dos limites, atravessar-se, desconfiar do que está posto; colocar em situação embaraçosa o que há de estável naquele ‘corpo de conhecimentos’; enfim fazer uma espécie de enfrentamento das condições em que se dá o conhecimento. (LOURO, 2008, p. 64).

Sendo assim, a análise que faremos sobre as imagens não será imparcial ou neutra. Inclusive, professores/as devem aproveitar-se das imagens contidas no livro para fazer problematizações, buscando sempre sair do nível do que a imagem representa e examinando os significados que ela produz e que o seu/sua produtor/a também quis imprimir.

Nesse sentido, vale ressaltar que as imagens do LD foram analisadas tendo em consideração que seus significados não são rígidos, unívocos e fechados. Posto isso, compreendemos que cada indivíduo, ao se relacionar com as imagens do LD, construirá suas próprias significações, levando em conta suas experiências e sua cultura. Assim, o que apresentamos é uma possível leitura analítica de algumas destas imagens, que foram selecionadas considerando tanto o arcabouço teórico com o qual estamos trabalhando quanto os objetivos que pretendemos atingir,

que é compreender como as masculinidades e as feminilidades estão representadas nas imagens do LD com foco nas profissões/atividades laborais e como as identidades são produzidas a partir de tais representações, bem como problematizar essas formas de apresentação.

Para atingir tal feitura, a base metodológica está assentada na vertente pós-estruturalista com suas conexões na investigação educacional aliada a estratégias de descrição e análise vinculadas aos Estudos Culturais, com abordagem qualitativa.

BREVE APRESENTAÇÃO DO ARTEFATO

A presente análise se debruça sobre o livro “Ciência, transformação e cotidiano” - volume de Ciências da Natureza e Matemática de 2014, apresentado na figura 1.

Figura 1 – Capa do livro



Fonte: Scrivano *et al.* (2013).

A escolha deste LD para este trabalho justifica-se pelo fato de ser o único distribuído pelo Programa Nacional do Livro Didático para Educação de Jovens e Adultos (PNLD/EJA), destinado a estudantes do Ensino Médio da EJA de todo o território brasileiro. Por fazer parte do PNLD/EJA, o livro passou por um processo de seleção técnica e pedagógica organizado pelo Ministério da Educação, em que concorreu com mais três coleções para o Ensino Médio, mas somente esta coleção foi aprovada, conforme consta no Guia do processo de seleção do PNLD/EJA 2014 (BRASIL, 2014b). Como em 2017 não houve novo edital, o presente artefato ainda está em circulação nas escolas brasileiras para o público de jovens e adultos.

Como se trata de um livro extenso, com diferentes tipos de imagens, fizemos um recorte dentro do volume de Ciências da Natureza e Matemática, dando prioridade aos componentes de Biologia, Física e Química. Após identificar as

unidades didáticas dentro das Ciências da Natureza que seriam objetos de investigação, localizamos as imagens (fotografias, ilustrações e publicidades) presentes nesse artefato. Como o público da EJA é diverso e composto majoritariamente por trabalhadores e trabalhadoras, estabelecemos outro recorte no conjunto de imagens do livro: imagens que representavam homens e mulheres em situações de trabalho. Na próxima parte, analisamos como as imagens podem operar frente a homens e mulheres no ambiente de trabalho e na sociedade como um todo.

ANÁLISE DAS IMAGENS DO LIVRO DIDÁTICO DA EJA: PRODUÇÃO DAS FEMINILIDADES E MASCULINIDADES E SEUS LUGARES SOCIAIS

Diferentes profissionais atribuem suas vivências e experiências ao participar da construção do LD. Logo, o que se materializa como produto final é também fruto de reinterpretações das diretrizes que norteiam a confecção/criação do LD por esses sujeitos. Por conseguinte, ao ser direcionado para o âmbito educacional são priorizadas algumas temáticas para as práticas educativas, que para este momento será detido foco ao articular gênero e trabalho pela análise das imagens, ao encontro da discussão das masculinidades e feminilidades.

Ao olhar para alguns documentos com propostas oficiais, podem ser encontrados, por exemplo, no edital do PNLD/EJA 2014 elementos da Constituição Federal de 1988, como a sinalização de que os LD devem “reconhecer e tratar adequadamente a diversidade de gênero, considerando a participação de mulheres e homens em diferentes trabalhos, profissões e espaços de poder” (BRASIL, 2014a, p. 45). Já no Guia de livros didáticos da EJA, há uma descrição sobre o volume de Ciências da Natureza com certa explicação sobre a caracterização geral desse volume, que consta assim:

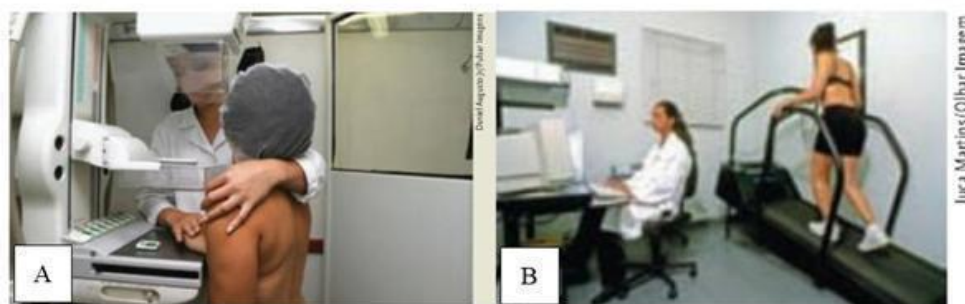
Os conteúdos e atividades são apresentados levando em consideração as experiências de vida dos estudantes, o mundo do trabalho, os conhecimentos acumulados sobre si mesmos e sobre os outros, a prática social (BRASIL, 2014b, p. 217).

Nota-se, então, que esse diálogo com o mundo do trabalho é mobilizado para os LDs da EJA. Portanto, justifica-se investigar como isso ocorre mediante a perspectiva dos Estudos Culturais e de Gênero.

Foram localizadas 23 imagens que, direta ou indiretamente, se relacionam ao mundo do trabalho, das quais 11 trazem figuras femininas e 12 masculinas. No primeiro momento, percebemos uma quase igualdade de seleção de imagens relativas aos espaços de trabalho para homens e mulheres. Contudo, na mira da complexidade proporcionada pela abordagem qualitativa, cabe perguntar: o que imageticamente foi produzido com relação ao mundo do trabalho para os diferentes gêneros no LD da EJA?

Apresentaremos aqui 14 figuras, sendo 7 representando mulheres e 7 representando homens. Começando pelas profissões ocupadas pelas mulheres, percebemos, com as figuras 2 e 3, um nítido referencial de profissões relacionadas ao campo da saúde.

Figura 2 – Mulheres como profissionais da saúde



Fonte: Scrivano *et al.* (2013 p. 413, 393).

Nas imagens, notamos que, além de reproduzirem mulheres no campo da saúde, as colocam como cuidadoras de outras mulheres. Pela correlação mulher-saúde-profissão, nota-se a maior proximidade ao corpo das pacientes quando se tem outra mulher. Essa análise, ganha maior força, ao perceber que a única imagem em que um médico (homem) aparece há a presença feminina, entretanto, acompanhada de um personagem masculino no enquadramento da saúde como direito pautado na Constituição Federal.

Como já apontado, o agrupamento de imagens da figura 3 também conta sobre a posição da mulher profissionalmente ligada à saúde. Se anteriormente as imagens foram extraídas do componente de Biologia, na figura 3 todas são da Física. E, novamente, quando se analisa a correspondência imediata entre imagem e legenda, as mulheres não são nomeadas quanto às profissões, apenas menções generalistas no masculino, como “os especialistas da saúde”, “os médicos e dentistas”.

Figura 3 - Mulheres como profissionais da saúde



Fonte: Scrivano *et al.* (2013, p. 410, 407, 419).

É perceptível a ausência de certas imagens como as encontradas por Silva (2018, p. 90), nos LDs de Ciências, em que aparecem “imagens de mulheres

atuando como biólogas, ecólogas, engenheiras e eletricistas”. No entanto, se aproxima de Magalhães e Ribeiro (2009, p. 701), que notam as mulheres em alguns artefatos culturais também “designadas à esfera privada, aos afazeres domésticos e, se estão fora desse ambiente, são lembradas em profissões que demandam o cuidado ou a educação”.

A mulher é historicamente condicionada à esfera doméstica e ao cuidado da casa e dos filhos sendo sua exigência ser boa filha, esposa e mãe. Além da profissão de professora de crianças pequenas e de como professora alfabetizadora, uma das primeiras profissões públicas exercidas pelas mulheres foi a de enfermeira cuidadora, de médica ginecologista, obstetra e pediatra; que são áreas que seriam-lhes mais do âmbito familiar e nada mais propício uma profissional feminina nessas funções.

Verificamos que as imagens a seguir (Figura 4) são potentes para o contexto em discussão, ao trazer elementos do mundo privado (casa/lar) vinculado às mulheres em ocupações domésticas.

Figura 4 – Mulheres em tarefas domésticas



Fonte: Scrivano *et al.* (2013, p. 371, p. 101).

Na primeira imagem, percebemos uma mulher branca, jovem e magra passando roupas e assistindo a televisão com uma expressão facial feliz, demonstrando estar gostando de fazer ambas as atividades. A imagem é uma fotografia. Diferentemente da primeira, a imagem ao lado é uma publicidade de um sabão em pó. É possível ver a representação de uma mulher branca, feita mediante um desenho gráfico, que aparenta ser mais velha que a da primeira imagem, mas que também está com uma expressão facial feliz. A mensagem em destaque na parte superior da publicidade é: “alegria no tanque!”.

Ao analisarmos essas duas imagens, em primeiro lugar, percebemos que elas difundem e reproduzem a representação de que o trabalho doméstico (passar e lavar roupas) é destinado às mulheres e que elas devem encarar esse trabalho como fonte de prazer e alegria. Tendo em vista a consideração de que o LD é um artefato da cultura que se assume como uma pedagogia cultural, pode-se afirmar

que tais imagens educam as/os alunas/os para encarar as tarefas domésticas como de responsabilidade exclusiva de mulheres.

A pedagogia cultural contida neste artefato é a de que mulheres devem ser responsáveis por fazer as tarefas domésticas e aquelas que as fazem são felizes e realizadas. Dessa forma, as imagens contribuem para naturalizar o imaginário social de que a mulher “nasceu” para cuidar das tarefas domésticas. São essas representações veiculadas pelas imagens do LD que vão formando, sutilmente, as mulheres jovens e adultas para aceitarem sua posição social de “mulher”, de “esposa” e de “mãe”, cuidadora do lar e trabalhadora doméstica. Ao mesmo tempo, também reforçam que esse lugar não é dos homens jovens e adultos.

Os homens aparecem nas imagens do LD desempenhando trabalhos braçais e manuais que exigem força física e habilidades no manuseio de ferramentas e máquinas. A produção das identidades masculinas é, portanto, ligada à força, ao suor e ao trabalho pesado fora do ambiente doméstico. A esse respeito, selecionamos quatro imagens em que são representados homens em diferentes tipos de trabalhos braçais e manuais, ligados ao campo. Essas imagens foram condensadas na figura 5.

Figura 5 – Homens trabalhando no campo



Fonte: Scrivano *et al.* (2013, p. 284; p. 286; p. 427; p. 284).

Essas quatro imagens são fotografias. Na imagem A, há um homem negro, manuseando uma ferramenta de madeira longa conhecida como rasoila, utilizada para extração de sal de maneira artesanal. Trata-se de um marnoto, nome dado ao homem trabalhador em salinas. Na imagem B, observa-se outro homem negro, usando uma foice para colher manualmente cana-de-açúcar. Nota-se que o canavial foi queimado, prática muito comum na extração da cana-de-açúcar, para limpar as folhas secas e verdes que são tidas como matéria-prima descartável. Na imagem C, há um seringueiro na extração de látex, manuseando uma faca e fazendo cortes na árvore. E na imagem D, há várias sacas de café empilhadas e dois homens, um ao fundo e outro no plano mais à frente da foto que carrega uma das sacas de café nas costas.

Nas quatro fotografias há uma associação entre trabalho braçal pesado e masculinidade. Ser homem é ser forte, é trabalhar pesado. Em todas as fotografias

é possível observar os homens utilizando bonés, objeto de proteção contra os raios solares, o que remete à ideia de que o ambiente de trabalho deles é predominantemente em contato com o sol forte.

Em continuidade pela busca nas imagens conforme relação percebida entre trabalho e gênero, variavelmente foram percebidas diferentes atividades realizadas pelas figuras humanas socializadas como homens.

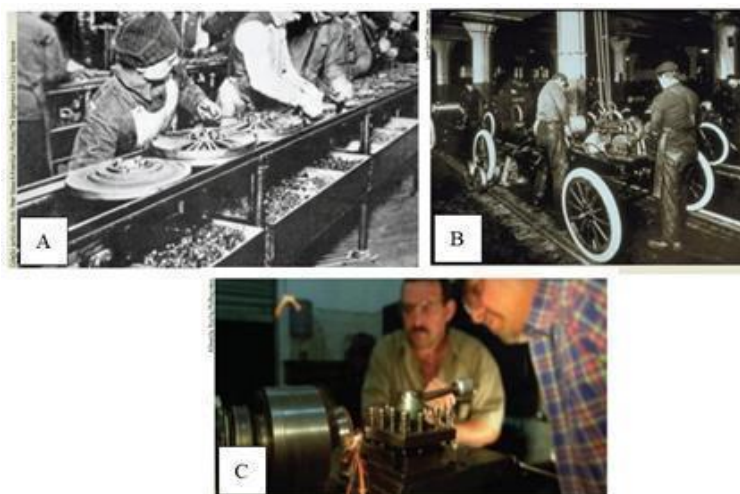
A presença masculina, em todas as imagens selecionadas, está associada aos postos de trabalho que requerem força física como exercício da atividade. Ao olhar para o âmbito em que esses trabalhadores estão exercendo suas tarefas, percebemos que ocorrem na esfera do campo. Pelo enquadramento dos trabalhadores no referido ambiente e do que vem sendo produzido em nível cultural da linguagem, expressões como “isso sim é trabalho de homem!”, podem ser pensadas junto às imagens da figura 5. Nesse viés, o trabalho “braçal” ocorre em ambientes insalubres, de maiores riscos físicos, sob sol e chuva, garantindo a figura masculina como resistente e viril.

As pesquisadoras Silva e Silva (2020, p. 28) afirmam que,

A escola participa da construção das subjetividades desde a mais tenra idade, e ela o faz, na maioria das vezes, defendendo modelos hegemônicos de ser homem e de ser mulher. Tais modelos se relacionam a padrões estabelecidos pela cultura e por conjuntos de crenças vigentes em cada sociedade, em cada tempo histórico.

Reconhecendo que o LD entra como um desses elementos do contexto escolar, em que as pesquisadoras apontam como aspectos constitutivos da subjetividade, distinguimos também que o livro sob análise apresenta a esfera urbana (Figura 6), bem como, atuação do homem em outras ocupações/profissões ou postos de trabalho (SCRIVANO *et al.*, 2013) ao retratar o radialista (p. 99); o trabalhador na construção civil (p. 245); o empregador (p. 258); o médico (p. 285) e o cientista no laboratório (p. 260).

Figura 6 – Homens trabalhando na indústria



Fonte: Scrivano *et al.* (2013, p. 17; p. 273; p. 241).

Mediante a figura 6a, há operários na linha de montagem da indústria automobilística estadunidense, em Detroit, 1917, como destacou a legenda no

livro. A figura 6b também traz a indústria automobilística com data em 1900. As imagens, apesar de posicionadas em partes bem distintas do LD, se ancoram no advento da Revolução Industrial no componente curricular de Física.

Considera-se ainda, em última análise na figura 6c, também situada em Física, que apesar de não trazer o princípio dos processos de industrialização com encaixe histórico, apresenta homens trabalhando com máquinas e equipamentos de um automóvel da atualidade. Logo, ao resgatar dados do Censo de Educação Superior de 2018, nota-se que corroboram com a análise aqui traçada, visto que as informações do censo acerca de concluintes da graduação do sexo masculino, correspondem à “Computação e Tecnologias da informação e comunicação (TIC)” (com 86,2% de concluintes masculinos) e “Engenharia, produção e construção” (62,6%) (BRASIL, 2018, p. 63). É possível dizer então, a partir desses elementos, que insiste-se na ideia do lugar do homem para esse tipo de ocupação dado que, no passado e no presente, as mulheres não foram consideradas nas imagens selecionadas e que a do homem é reiterada.

Scott (1995) comenta que, dentro de sua definição de gênero há subconjuntos teóricos importantes para pensar esse conceito, logo afirma que certos grupos de pesquisadores/as restringem o uso de gênero à família. A autora propõe que ampliemos nossos olhares e que assim se “inclua não somente o parentesco, mas também (especialmente para as complexas sociedades modernas) o mercado de trabalho [...]” (SCOTT, 1995, p. 87) não se restringindo a isso. Assim posto, a discussão aqui travada levou em conta a operação das relações sociais nesse âmbito.

Cabe frisar, ainda que independente da esfera, seja ela do campo ou urbana, foram percebidas de modo geral com as imagens, que: (i) homens trabalham em conjunto, mulheres não; (ii) não há atividades laborais mistas e (iii) o homem no trabalho não é posicionado no privado, ou seja, ser externo ao lar é uma das continuidades socioculturais reiteradas ao serem acionadas figuras humanas masculinas no LD, dada a relação com o trabalho destacada para análise.

Rumo à finalização desta análise, percebe-se que o LD da EJA mantém um molde rígido para as noções de profissões, não constando situação invertidas em que mulheres aparecem como motoristas de ônibus; homens como professores de dança; mulheres líderes políticas; homens em serviços domésticos e em profissões ligadas ao cuidado, por exemplo.

Desse modo, o LD analisado não contribuiu para alterar as representações hegemônicas sobre as profissões que homens e mulheres podem ocupar na sociedade, escamoteando as transformações que ocorreram na sociedade nos últimos anos no que diz respeito à participação desses indivíduos em múltiplas ocupações no mercado de trabalho. Nesse contexto, as imagens do LD continuam informando, logo reforçando sobre as profissões que são consideradas “apropriadas” para cada gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro didático (LD), pensando no contexto educacional, transmite informações, concepções, produz e reproduz representações, discursos, símbolos, “verdades”, mas também é capaz de questioná-las. Como alerta, devemos estar

atentos/as aos processos de invisibilidade e de silenciamento de expressões e identidades outras que fujam das normatizações de masculinidade e feminilidade. Na perspectiva que tomamos, é preciso analisá-lo enquanto currículo, ou seja, como artefato cultural diretamente envolvido com a produção de identidades, com a questão acerca de que homens e mulheres se desejam formar para a sociedade. E como efeito desse estudo, refletir acerca da produção das identidades dos sujeitos da EJA.

Nesse sentido, os textos e as imagens do LD trazem signos, significantes e significados que estão relacionados a conhecimentos que circulam na sociedade. Os jovens e adultos que lerão o livro aprenderão a pedagogia contida nele. Na análise realizada, percebemos, no livro e em suas imagens, uma pedagogia que busca a produção de masculinidades e feminilidades hegemônicas. As representações de trabalho identificadas estão tentando fixar a ideia de que mulheres jovens e adultas da EJA devem ser boas esposas, mães e trabalhadoras domésticas e, no máximo, assumirem profissões ligadas ao cuidado e à saúde. Já os homens devem ser fortes, viris, aptos a dominarem o espaço público, assumindo profissões seja no campo ou nas cidades ligadas à força.

Do ponto de vista dos Estudos Culturais, percebe-se que as imagens posicionam os sujeitos demarcando o lugar de gênero. Portanto, as imagens analisadas do LD apontam para a generificação das ocupações/profissões ou postos de trabalho. Essa demarcação é cultural, e contribui para o modelo patriarcal e sexista de sociedade, impedindo que vivências e experiências sejam possíveis para aqueles/as homens e mulheres que almejam atuar ou serem aceitos/as em espaços não convencionais, dado a expectativa de sexo-corpo-gênero-trabalho. Nesse sentido, as imagens do LD reproduzem a cultura sexista e binária, educando como homens e mulheres devem ser e que profissões devem ocupar na sociedade.

Portanto, o empreendimento analítico aqui executado mostrou-se necessário pelo desvelamento em meio às imagens, de que não foi percebido com relação à representação na relação gênero e trabalho com escapatórias à lógica hegemônica de gênero, em contrapartida da reiteração, reforço e inflexibilidade observada na análise, restringindo formas outras de homens e mulheres ocuparem atividades laborais do âmbito público ao privado. Por fim, problematizar o LD e suas imagens enquanto artefato cultural que re/produz valores, saberes, representações e identidades é uma discussão importante para o campo educacional, pois possibilita desvelar que tipo de pedagogia das masculinidades e feminilidades vêm sendo operacionalizadas nesses dispositivos curriculares.

Masculinities and femininities in the images of the natural science textbook of Youth and Adult Education

ABSTRACT

In this work, we analyze how the Natural Sciences of Youth and Adult Education (EJA) textbook as a cultural artifact works as a curriculum and a cultural pedagogy, producing gender representations that constitute the cultural identities of students, especially their masculinities and femininities, through images. To carry out the analysis, we used the contribution of the theoretical field of Cultural Studies, in its post-structuralist strands. The analysis of the images revealed a maintenance of sexist and binary logic, which in terms of representation and focus on the world of work is inflexible and restrictive, even for men and women. Thus, the representations of the work analyzed fulfill the mission of instructing young and adult women in EJA to be domestic workers or assume professions related to care. In turn, they educate men to be strong, virile and dominate the public space, whether in the countryside or in the city.

KEYWORDS: EJA. Gender. Images. Cultural pedagogy. Work.

Masculinidades y feminidades en las imágenes del libro de texto de ciencias naturales de Educación de Jóvenes y Adultos

RESUMEN

En este trabajo, analizamos cómo el libro de texto de Ciencias Naturales de la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), como artefacto cultural funciona como un currículo y una pedagogía cultural, produciendo representaciones de género que constituyen las identidades culturales de los estudiantes, especialmente sus masculinidades y feminidades, a través de imágenes. Para la realización del análisis se utilizó el aporte del campo teórico de los Estudios Culturales, en sus vertientes postestructuralistas. El análisis de las imágenes reveló un mantenimiento de la lógica sexista y binaria, que en términos de representación y enfoque en el mundo del trabajo es inflexible y restrictiva, incluso para hombres y mujeres. Así, las representaciones laborales analizadas cumplen la misión de instruir a mujeres jóvenes y adultas de EJA para que sean trabajadoras del hogar o asuman profesiones relacionadas con el cuidado. A su vez, educan a los hombres para ser fuertes, viriles y dominar el espacio público, ya sea en el campo o en la ciudad.

PALABRAS CLAVE: EJA. Género. Imágenes. Pedagogía cultural. Trabajo.

NOTAS

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES), visto que este texto apresenta parte de resultados, porém revistos e ampliados da dissertação de mestrado intitulada “Corpo, gênero e sexualidade em uma coleção de livro didático de Ciências da Natureza do PNLD/EJA 2014”, no prelo, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Tal ampliação se deu após novas parcerias, nas disciplinas do Curso de Pós-graduação Lato Sensu “Especialização em Educação para a Sexualidade: dos Currículos Escolares aos Espaços Educativos” da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

REFERÊNCIAS

- BADINTER, E. **Xy**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BAPTISTA, R. F. A representação das masculinidades no livro didático da educação de jovens e adultos. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, SP, v. 30, n. 63, 2020.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: 1. fatos e mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior 2018**. Brasília: INEP, 2018. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/apresentacao_censo_superior2018.pdf. Acesso em: 9 mar. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Edital de convocação 02/2012 – CGPLI. PNLD EJA 2014**. Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático para Educação de Jovens e Adultos, Brasil, 2014a, p. 126.
- BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Guia dos Livros Didáticos do PNLD EJA 2014**. Natal: EDUFRN, 2014b.
- CASTRO, S. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. **Aprender: Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, Vitória da Conquista, v. 1, n. 20, p.75-82, 21 dez. 2018.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHIMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, jan./abr. 2013.
- DE LOS SANTOS RODRIGUEZ, S. Homens não nascem homens: tornam-se homens. **Revista Estudos Transviades**, v. 1, n. 2, set. 2020.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JUNQUEIRA, R. D. Pedagogia do Armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. **Annual Review of Critical Psychology (Online)**, v. 11, p. 189-203, 2014.

LAJOLO, M. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n. 69, jan./mar. 1996.

LIONÇO, T; DINIZ, . Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. *In*: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora (org.). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres: EdUnB, 2009.

LOHN, R. L; MACHADO, V. Gênero e imagem: relações de gênero através das imagens dos livros didáticos de História. **Gênero**, Niterói, v. 4, n. 2, p. 119-134, 2004.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MAGALHÃES, J. C. **Corpos transparentes, exames e outras tecnologias médicas: a produção de saberes sobre sujeitos homossexuais**. 2012. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

MAGALHÃES, J. C; RIBEIRO, P. R. C. As neurociências ensinando modos de ser homem e mulher em revistas de divulgação científica. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, Madri, v. 8, p. 692-710, 2009.

MARQUES, Y. S. **Corpo, gênero e sexualidade em uma coleção de livro didático de Ciências da Natureza do PNLD/EJA 2014**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, 2021 (no prelo).

PARANHOS, R. D. **Ensino de biologia na educação de jovens e adultos: o pensamento político-pedagógico da produção científica brasileira**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017.

PINHO, M. J. S.; LIMA E SOUZA, Â. M. F. Gênero em coleções de livros didáticos de biologia. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 2, n. 03, 2014.

PIRES, S. M. F. **“Histórias de amor para sempre, histórias de amor para nunca mais...”**: o amor romântico na literatura infantil. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, 2001.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCRIVANO, C. N. *et al.* **Coleção Viver, Aprender Ciências da Natureza e matemática Ensino Médio: ciência, transformação e cotidiano - educação de jovens e adultos**. São Paulo: Global Editora, 2013.

SILVA, L. A. S; SILVA, E. P. Q. Masculinidades no contexto escolar: como a temática é abordada em artigos publicados em dossiês de periódicos nacionais. **Diversidade e Educação**, v. 7, n. 2, p. 20-44, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9630>. Acesso em: 24 fev. 2020.

SILVA, L. A. **Mulheres negras e suas representações nas coleções de livros didáticos de Biologia aprovados pelo PNLD – 2015**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, T. T. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

WASCHINEWSKI, S. C.; RABELO, G. O gênero nas imagens dos livros didáticos de Geografia do ensino médio: a invisibilidade das mulheres. *In: Anais do Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos*, Criciúma, v. 1, p. 1-7, 2015.

Recebido: 05/07/2021.

Aprovado: 10/03/2022.

DOI: 10.3895/cgt.v15n45.14481

Como citar: MARQUES, Youry Souza; DOMINGOS, Cleveson de Oliveira; RAMOS, Edimauro Matheus Carriel. Masculinidades e feminilidades nas imagens do livro didático de Ciências da Natureza da Educação de Jovens e Adultos. **Cad. Gên. Technol.**, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 338-355, jan./jul. 2022. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

